

## APRESENTAÇÃO

### HETEROGENEIDADES DISCURSIVAS: MÚLTIPLOS OLHARES

A heterogeneidade é uma característica do campo discursivo, o qual, há muito, deixou de pensar a abordagem do discurso a partir de um “fantasma teórico unificador”, segundo a afirmação retomada por Maldidier (2003)<sup>1</sup>, ao cartografar os escritos e relações de Pêcheux e seu coletivo. No cenário brasileiro, as diversas leituras da análise de discurso e os múltiplos olhares construídos nos últimos 40 anos têm reforçado o primado do heterogêneo sobre o mesmo, no que tange aos modos ímpares de produzir sentidos e pesquisas em todo o território, nas mais distintas instituições. Este número da Porto das Letras dedica-se a contemplar um pouco dessa diversidade de estudos e temas.

Os 14 artigos que compõem o dossiê, assim como os 3 artigos da seção livre, ao problematizar diferentes temáticas, permitem observar como o discurso, em sua heterogeneidade, está vinculado a determinadas práticas discursivas e sociais. Por meio dos gestos analíticos empreendidos, cada análise aponta para uma possibilidade de se trabalhar com a produção de sentidos, ou seja, para um modo de compreender o funcionamento discursivo em sua relação com a exterioridade. Isso vincula-se ao fato de os estudos do discurso trabalharem com a interpretação, e, como bem pontua Pêcheux (1998, p. 58)<sup>2</sup>, a “análise de discurso não pretende instituir-se especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos que exponham o olhar-leitor em níveis opacos na ação estratégica de um sujeito”.

Pelas reflexões propostas, observa-se a preocupação em lançar gestos de interpretação sobre diferentes práticas discursivas e sociais, as quais se situam em espaços entendidos como “universos logicamente estabilizados” (PÊCHEUX, 2006)<sup>3</sup>, que produzem o efeito de evidência do sentido dessas práticas, visando a torná-las

---

<sup>1</sup> MALDIDIÉ, D. *A inquietação do discurso*. (Re)Ler Michel Pêcheux hoje. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

<sup>2</sup> PÊCHEUX, M. Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. *Cadernos de Tradução*. N. 1, p. 51-60, 1998.

<sup>3</sup> PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Orlandi. 4ª. Ed. brasileira. Campinas, SP: Pontes, 2006.

homogêneas. Os olhares para os espaços da escola, da universidade e do museu, assim como para os textos oficiais, literários e jornalísticos/midiáticos, reforçam que o discurso é também acontecimento. É nesse ponto que se situa o olhar do analista, pois, ao considerar a opacidade da linguagem, a língua em sua equivocidade, objetiva-se desnaturalizar os sentidos e desconstruir as evidências inscritas no nível do intradiscurso, a fim de compreender o seu processo.

Assim, os artigos deste número da revista *Porto das Letras* têm como interesse o discurso, o qual, enquanto objeto de análise, pode ser mobilizado a partir de acepções diferentes. Porém, nas análises propostas, há um ponto em comum no modo como esse objeto é entendido: o fato de o discurso não ser transparente, mas sim afetado por uma exterioridade que o constitui. Segundo um viés materialista, essa exterioridade constitutiva instaura-se “porque a história se inscreve na língua” (ORLANDI, 2004, p. 70)<sup>4</sup>, fazendo com que esta signifique. Essa produção de sentidos é, pois, o funcionamento da historicidade, do efeito do já dito, do interdiscurso na formulação discursiva. Quando se compreende esse funcionamento, compreende-se como a materialidade discursiva produz sentidos, sendo a materialidade considerada “enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua nem a literatura, nem mesmo as ‘mentalidades’ de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada” (PÊCHEUX, 2011, p. 151-152)<sup>5</sup>.

Nesse viés, a materialidade discursiva constitui-se pela determinação histórica, que resulta de condições específicas e que possibilita a relação do discurso com uma heterogeneidade que lhe é própria. Dito de outro modo, permite a “relação de um processo discursivo com o ‘interdiscurso’, isto é, o conjunto dos outros processos que intervêm nele para constituí-lo (fornecendo-lhe seus ‘pré-construídos’) e para orientá-lo (desempenhando, em relação a ele, o papel de *discurso transverso* [...])” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 230, grifos do autor)<sup>6</sup>. O que interessa é, pois, a determinação histórica

---

<sup>4</sup> ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4ª. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

<sup>5</sup> PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso [1984]. In: ORLANDI, E. (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Pontes, 2011, p. 151-161.

<sup>6</sup> PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra*

dos processos de significação, a qual só pode ser compreendida pelo fato de o discurso ser afetado ideologicamente e estar inscrito em uma rede de significações.

Pode-se dizer que, nos gestos analíticos propostos, cada um a seu modo, busca-se compreender a heterogeneidade que é própria a cada processo discursivo. A heterogeneidade, segundo os estudos de Authier-Revuz (1990)<sup>7</sup>, pode ser entendida enquanto heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, as quais “representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso [heterogeneidade constitutiva] e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição [heterogeneidade mostrada]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32). A primeira diz respeito à exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, que não pode ser determinada nem representável, referindo-se ao “Outro do discurso”, que, para o viés discursivo, é o lugar da relação entre o interdiscurso e o inconsciente. A segunda, por sua vez, refere-se ao modo como o “um - sujeito e discurso - se delimita na pluralidade dos outros” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32), ou seja, como se articula o interior/exterior na formulação discursiva, articulação que aponta para a ilusão de o sujeito ser origem do dizer e dos sentidos.

Constitutiva do discurso e mostrada no discurso, a heterogeneidade perpassa os olhares analíticos aqui apresentados e se pluraliza, em heterogeneidades, possibilitando a leitura deste número como um mosaico discursivo, espaço de multiplicidade. Os artigos que o compõem, ao estabelecer procedimentos singulares de abordagem dos *corpora*, tomam como ponto de partida o texto, que pode ser concebido, em concordância com Indursky (2001, p. 30-31, grifos da autora)<sup>8</sup>, “como um *espaço discursivo heterogêneo*” e como “*heterogeneidade estruturada pelo trabalho discursivo*”. É somente enquanto efeito, portanto, que se pode pensar no texto como unidade, homogeneidade ou totalidade. Dialogicidade, multimodalidade e multissemiose configuram modos de compreender e

---

de Michel Pêcheux. 3ª ed. Tradução Bethania Mariani et al... Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 163- 252.

<sup>7</sup> AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, E. GERALDI, J. V. (Orgs.). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. N. 19, p. 25-42, 1990.

<sup>8</sup> INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. B. (Orgs.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001, p. 27-42.

de trabalhar com a heterogeneidade como abertura, possibilidade de diálogo e confronto com o outro/Outro.

Os textos, lugares de encontro com seus processos discursivos, dizem de como memória e história se relacionam, dado o papel fundante da exterioridade enquanto condição histórica de possibilidade de dizer sobre acontecimentos, como a ditadura no Brasil ou o genocídio contra os judeus na Europa. Materializados em escrita e em imagem, os textos ressoam e produzem sentidos para além de suas condições estritas de produção. Dizem também do atravessamento do discurso Outro, “*anterioridade em todo dizer* do real de uma discursividade que, ao modo de uma exterioridade que age, constitutiva de seu interior, restringe-o, condiciona-o, alimenta-o ao mesmo tempo que o envia – ou descentra-o – para fora dele mesmo” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 08)<sup>9</sup>. Assim, os dizeres analisados sobre a voz, a educação, a chamada hospitalidade ou o acolhimento para com (i)migrantes permitem apontar também para a heterogeneidade como incompletude de todo dizer, visto que o excede, descentra-o, desloca-o.

Nesse processo de remessa à exterioridade, ao real, constitutivo da língua(gem) - que é também real da história - funciona nos textos toda uma rede de sentidos, que pode ser contemplada na noção de dispositivo. Essa rede se (re)produz por uma heterogeneidade de práticas e por práticas heterogêneas, que condicionam o outro no dizer e o dizer sobre o outro: corpo racializado, periférico, subalterno, estrangeiro. Pode-se, assim, pensar que as pesquisas sobre a racialidade e sobre as migrações, pela ótica do discurso, têm se comprometido com o gesto de remeter esse campo “para fora dele mesmo”.

Ao se considerar “o modo como o texto organiza sua relação com a discursividade [...] e o modo como organiza internamente estes elementos provenientes da exterioridade para que produzam o efeito de um texto homogêneo” (INDURSKY, 2001, p. 28), fomenta-se reflexões sobre o ensino e o aprendizado, a leitura e a escrita enquanto processos múltiplos de produção de sentidos. A sala de aula, como lugar de circulação de discursos, sujeitos e saberes, talvez seja uma das melhores figuras da heterogeneidade, explorada também em artigos deste número.

---

<sup>9</sup>AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. *Letras de Hoje*. Vol. 46, N. 1, p. 6-20, 2011.

Sendo assim, nos termos de Authier-Revuz (2011, p. 08), é possível dizer que “o que, em sua diversidade, reúne essas abordagens, é que o dado, e o empreendimento, de uma discursividade exterior, anterior, outra, é posta como uma lei da linguagem, uma condição de existência do dizer e do sentido”. *Heterogeneidades discursivas, múltiplos olhares*, não se constituem, contudo, sem o olhar leitor, pois é graças ao gesto de leitura que se podem entrecruzar a constituição, a formulação e a circulação dos discursos. É esse gesto que permite aproximar, recortar, deslocar textos, perspectivas e autores. Com esta apresentação, abre-se caminho para que esse gesto se dê em sua dinamicidade, multiplicidade e potência.

Caroline Mallmann Schneiders (UFFS)

Marluza da Rosa (UFSM)

Thiago Barbosa Soares (UFT/CNPq)